

# Aula 4

## A CIDADE-ESTADO MESOPOTÂMICA

### **META**

Apresentar as características básicas da organização do Estado nas cidades-estado mesopotâmicas.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- listar as características geográficas do mundo mesopotâmico;
- identificar a importância dos rios Tigre e Eufrates para a vida econômica mesopotâmica;
- identificar as características da organização política das cidades mesopotâmicas.

### INTRODUÇÃO

Por volta de 5 mil anos atrás, na região do crescente fértil, uma nova experiência social começa a apresentar os seus primeiros contornos. Os vestígios arqueológicos registram para esse período a presença de sociedades que se organizavam em torno de núcleos urbanos que apresentavam complexa organização arquitetônica, política e econômica. Uma transformação tão fantástica, quando comparada com as sociedades agrícolas dos primeiros momentos do neolítico no crescente fértil, que Gordon Childe a batizou de Revolução Urbana.

É a cidade-estado que surge no horizonte da experiência humana. São nelas que se consolidam, e se expressam pela primeira vez, de forma clara e contundente, práticas culturais que estão no cerne do que concebemos como vida civilizada. A escrita e a máquina estatal com seus aparatos burocráticos e militares complexos são alguns dos exemplos que podem ser chamados para mostrar a importância das realizações operadas nesse momento. Nesta aula, abordaremos os desdobramentos desse processo na Mesopotâmia.



Mapa cartográfico da mesopotâmia (datado de 600 a.C.), gravado sobre uma placa de argila com descrição em escrita cuneiforme. Acredita-se que a escrita cuneiforme tenha sido criada pelos sumérios, por volta de 3.500 a.C. (Fonte: <http://www.ufrgs.br>).

## A MESOPOTÂMIA

Como resultado do processo iniciado com a formação de aldeamentos sedentários assentados em atividades agro-pastoris estáveis, por volta 4 mil anos atrás, a Suméria, na Baixa Mesopotâmia, já apresentava importantes núcleos urbanos. Eram doze cidades mais importantes que subordinavam numerosas aldeias menores. Foi a região mais antiga do planeta a se urbanizar.



(Fonte: [history.howstuffworks.com](http://history.howstuffworks.com)).

A Mesopotâmia – nome dado pelos gregos e que significa “terras entre dois rios” – compreendia os vales e planícies irrigados pelos rios Tigre e Eufrates, onde hoje é o território do Iraque e terras próximas. Inserida na área do crescente fértil, a Mesopotâmia estendia-se desde os montes Zagros no Irã, a leste, até os desertos da Arábia, a oeste, contando com os rios que desciam das montanhas em direção ao Golfo Pérsico. Podemos dividir a Mesopotâmia em duas regiões com aspectos climáticos distintos. Ao norte, a Alta Mesopotâmia, mais elevada e menos propícia à agricultura de irrigação, porém rica em recursos florestais. Ao sul, onde se localizava a suméria, a Baixa Mesopotâmia, pouco servida de chuvas, porém propícia à agricultura, desde que realizadas obras de irrigação.

A Baixa Mesopotâmia é uma região de poucas chuvas e a agricultura ali era possível graças às águas dos rios Tigres e Eufrates. Ambos nascem nas montanhas da Anatólia. São as chuvas e o degelo de primavera, na região

de suas cabeceiras, que garantem a esses dois rios o fluxo de água suficiente para as atividades agrícolas desenvolvidas nas áridas regiões, banhadas por eles mais ao sul.

As inundações do Tigre e do Eufrates fertilizavam as terras e possibilitavam a agricultura, porém eram violentas e precisavam ser controladas. Para a prática da agricultura em suas margens, era necessária a construção de diques e canais de irrigação, com a finalidade de proteger a colheita e garantir água para os períodos mais secos. Assim, desenvolveram-se nas cidades mesopotâmicas complexos sistemas de irrigação que lhes permitiram drenar pântanos, armazenar água e proteger os campos contra as inundações.

Atribui-se aos sumérios o desenvolvimento da vida civilizada na baixa Mesopotâmia. Há muita controvérsia a respeito de suas origens. Acredita-se que tenham sido um povo oriundo dos planaltos iranianos, mas há os que afirmam que procediam das próprias planícies mesopotâmicas. Outros preferem utilizar o termo sumério de maneira restrita apenas para identificar uma língua predominantemente falada no sul da mesopotâmia, sem associá-la a características sócio-culturais específicas. Enfim, há muita discussão a respeito de suas origens, porém nada pode ser afirmado com certeza.

## OS SUMERÍOS



Antes da chegada dos sumérios, a baixa Mesopotâmia fora ocupada por um povo não pertencente ao grupo semita, modernamente conhecido como ubaida, termo derivado da cidade de al-Ubaid, onde foram encontrados seus primeiros vestígios. Primeira força civilizatória presente na área, os ubaidas estabeleceram-se no território entre 4500 e 4000 a.C. Drenaram os pântanos para a agricultura, desenvolveram o comércio e estabeleceram indústrias, entre as quais manufaturas de couro, metal, cerâmica, alvenaria e tecelagem. Mais tarde, vários povos semitas infiltraram-se no território dos ubaidas e formaram uma grande civilização pré-suméria. O povo conhecido como sumério, cuja língua

predominou no território, veio provavelmente da Anatólia e chegou à Mesopotâmia por volta de 3300 a.C. No terceiro milênio, haviam criado pelo menos 12 cidades-estados: Ur, Eridu, Lagash, Uma, Adab, Kish, Sipar, Larak, Akshak, Nipur, Larsa e Bad-tibira. Cada uma compreendia uma cidade murada, além das terras e povoados que a circundavam, e tinha divindade própria, cujo templo era a estrutura central da urbe.

Disponível em <http://paginas.terra.com.br> > Acessado em 21/03/2008

## RELIGIOSIDADE

Gordon Childe, descrevendo o processo de formação das cidades sumérias, cita o exemplo de Erech. Ela começou como um aldeamento de agricultores neolíticos. Em seus níveis mais antigos estão presentes vestígios de cabanas de juncos e casas de tijolos de barro. Atesta-se, também, o uso crescente do metal e introdução da roda de cerâmica. Mas, de súbito, no registro arqueológico, surgem alicerces de uma construção monumental: um templo e, próximo a ele, um ziggurat, monumento religioso feito em forma de um monte que se elevava em direção ao céu.



O Zigurate de Ur, de cerca de 2.150 a 2.050 a.C.

Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br>. Imagem retirada de GARBINI, Giovanni. O Mundo da Arte - Mundo Antigo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1979.

Esse primeiro ziggurat de Erech, feito de barro, tinha mais de 10 metros de elevação. Gordon Childe descreve que seus flancos íngremes eram amortecidos por saliências que se alternavam com depressões adornadas com milhares de pedaços de cerâmica, colocados lado a lado em fileiras cerradas sobre a superfície de barro do ziggurat, como fazemos hoje ao colar azulejos em nossas paredes. No topo da elevação havia um santuário e uma escada pela qual a divindade celebrada poderia descer dos céus.

A organização política das cidades sumerianas é mais difícil de ser delimitada, mas já surgem apresentando a importância da religião em sua constituição. No princípio a função de organização dos negócios da cidade estava a cargo do templo. Toda cidade organizava-se em torno de um. Era no interior desses templos que residia um funcionário denominado en, sumo-sacerdote que assumia funções administrativas e que em tempo de guerra exercia a chefia militar. Acredita-se que o en era eleito por uma assembléia formada pelos homens livres da cidade.

A partir da segunda metade do terceiro milênio, promoveu-se a separação entre o templo, representado pelo en, e o palácio, que passou a encabeçar as funções administrativas, militares e também religiosas. O soberano, quando governador de uma única cidade, recebia o título de ensi, e de lugal quando conseguia estender sua autoridade para várias outras cidades-estado.

Necessário à defesa do território e das rotas comerciais, às conquistas e aos saques, o comando militar teria sido um dos principais fatores para o surgimento de uma monarquia hereditária separada dos templos. Com o passar do tempo, o templo e a assembléia dos homens livres foram perdendo espaço para o soberano (ensi), consolidando assim o poder monárquico, que passou a concentrar funções militares, administrativas e a supervisão das obras de irrigação.

Embora as cidades-estado da Mesopotâmia tenham surgido como entidades independentes umas das outras, as disputas entre elas levaram à formação de impérios de caráter mais ou menos centralizado, por todo longo período de sua história. Entre eles destacam-se: o de Sargão I, dando início ao domínio da cidade de Ácade sobre a baixa e média Mesopotâmia, e o Primeiro Império Babilônico, que teve em Hamurabi seu principal soberano. O dos assírios, que chegou a se estender até o Egito; e o Segundo Império Babilônico, que teve seu auge com Nabucodonossor.

Versando sobre dificuldades presentes nos estudos sobre a Antigüidade Oriental, Ciro Flamarion Cardoso observa que é arriscado fazer generalizações simplistas e amplas demais ao se tratar de civilizações complexas, que duraram milhares de anos e atravessaram múltiplas e variadas contingências em sua tão longa trajetória (CARDOSO, p. 59). Tal advertência nos alerta para um dos principais perigos que enfrentamos ao abordamos a história desses povos: o das explicações resumidas que pretendem em poucas linhas ou palavras abarcar séculos de história. Tomemos como exemplo a história mesopotâmica ou egípcia. São centenas de séculos, e essas sociedades não permaneceram imutáveis, sempre da mesma forma, elas também se transformavam.

Caso estivéssemos realizando um estudo de história em que se pretendesse descrever o comportamento dos brasileiros, como deveríamos proceder? São quinhentos anos de história! Seria correto fazermos um resuminho que compreendesse tudo e a todos?! Os resuminhos, embora muito valorizados pelas exigências escolares contemporâneas, são a morte da história como possibilidade de estudo e compreensão das sociedades humanas. Talvez sirvam para provas e concursos, mas não para o espírito. Assim, nesse curto espaço que dispomos, focaremos nossa atenção para uma questão específica: a interação entre poder, cultura e sociedade.



### ATIVIDADES

Um elemento importante para se compreender a natureza da relação entre poder, cultura e sociedade é que a cidade-Estado no crescente fértil já apresenta, em seus primeiros momentos, grandes desigualdades sociais. Elas não eram igualitárias. Nelas notamos a presença de elites sociais, que por meio de diversos mecanismos se apropriavam da maior parte da produção social. Nessa rede de poder, a massa de camponeses encontrava-se nas mais variadas formas de subordinação, tendo uma vida miserável.

É muito difícil, talvez mesmo impossível, traçar um quadro satisfatório de como viveriam essas camadas camponesas e como interagiriam com as estruturas de poder, pois as fontes documentais de que dispomos não

nos permitem tal empreitada. O texto de Ciro Flamarion, apresentado nessa atividade, versa sobre esse problema: o da natureza da relação entre a estrutura de poder - representada pelo estado - e a religião e a cultura no Antigo Oriente Próximo. Leia-o atentamente e depois responda as perguntas solicitadas. Bom trabalho!

[Uma das características comuns às sociedades do Antigo Oriente Próximo] é o caráter fortemente monárquico da cultura mais intelectualizada da época. Tal cultura erudita dos grupos dominantes é a única que, devido a documentação disponível – em sociedades nas quais aprender a ler e escrever era privilégio reservado a poucos -, podemos conhecer melhor, embora sejam perceptíveis certos impactos da cultura popular sobre a oficial, em especial em matéria de religião. [...] Os templos eram partes integrantes do Estado. O rei, por suas atribuições e por concentrar os recursos necessários, era construtor por excelência de santuários e outros edifícios importantes, o patrono maior do artesanato e da artes – domínio, aliás, indistinguíveis, não havendo, então, a noção de que um artista fosse algo distinto de um artesão [...] As épocas de forte centralização monárquica foram, também, as de florescimento artístico, e a cultura em suas diversas manifestações fala-nos mais dos deuses e dos reis do que de qualquer outra coisa (CARDOSO, p. 57).

1. Segundo Ciro Flamarion Cardoso, o que conhecemos das sociedades do Antigo Oriente Próximo provém de fontes documentais que se relacionam com o que ele chama de cultura erudita oficial. O que seria, segundo ele, essa cultura erudita oficial?
2. Quais seriam as causas apontadas por ele para que os vestígios históricos que hoje permitem o estudo das sociedades do Antigo Oriente Próximo pertençam a esfera da cultura erudita oficial?

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Ciro Flamarion distingue cultura erudita oficial e cultura popular. Para ele, a cultura erudita seria a das elites, compostas pelos grupos dominantes.
2. No texto acima são apontados basicamente dois fatores. A escrita, nessas sociedades, era domínio de poucos, restringindo assim a possibilidade dos documentos escritos expressarem pontos de vista que se relacionassem com mais vastos setores da sociedade. Outro fator apontado por Flamarion é que no Antigo Oriente Próximo o Estado era o principal agente patrocinador das artes em geral, e as produções que patrocinava falavam muito mais de reis e deuses do que de aspectos comuns da vida cotidiana.

### O ESTADO

Chamamos de Estado a estrutura de poder pela qual se exercia o domínio social e pela qual se organizavam diversos aspectos da coletividade. Uma das principais características da organização estatal na Mesopotâmia era a vinculação entre as esferas política e religiosa da sociedade. Composta por um corpo burocrático e militar, era organizada em torno de templos e palácios, não apresentando delimitação entre o que modernamente chamaríamos de esferas religiosa e política.

No Antigo Oriente Próximo, religião e política não eram percebidas como campos distintos, mas sim como parte da mesma realidade. Segundo Ciro Flamarion, o termo religião nem seria passível de ser traduzido para as línguas dos povos antigo-orientais. A separação entre o domínio religioso e outros domínios, algo que parece corriqueiro para nós, não faria qualquer sentido para um egípcio ou mesopotâmico antigo, pois a religião estando em toda parte, não poderia ser percebida como setor circunscrito da realidade e da vida social. É nesse sentido que, no texto acima, Ciro Flamarion escreve que “os templos eram partes integrantes do Estado. O rei, por suas atribuições e por concentrar os recursos necessários, era construtor por excelência de santuários e outros edifícios importantes”.

O Estado se apresentava como uma monarquia de caráter divino, na qual o soberano era relacionado de alguma forma com os deuses que, pelos seus favores, propiciariam prosperidade e felicidade. O soberano governava apoiado em um corpo burocrático e militar que abrigava os mais diversos tipos de funcionários e soldados, dos mais humildes aos mais graduados.

Veja o exemplo que selecionamos abaixo. Trata-se do preâmbulo do Código de Hamurabi, no qual o soberano é apresentado como alguém que se constitui em um intermediário privilegiado entre os deuses e a sociedade

Quando o alto Anu, rei de Anunaki e Bel, Senhor da Terra e dos Céus, determinador dos destinos do mundo, entregou o governo de toda a humanidade a Marduk; quando foi pronunciado o alto nome da Babilônia, quando ele a fez famosa no mundo e estabeleceu um duradouro reino, cujos alicerces tinham a firmeza do céu e da terra, por esse tempo Anu e Bel me chamaram, a mim Hamurabi, o excelso príncipe, o adorador dos deuses, para implantar justiça na terra, para destruir os maus e o mal, para prevenir a opressão do fraco sobre o forte, para iluminar o mundo e proporcionar o bem estar do povo. Hamurabi, governador escolhido por Bel, sou eu, o que trouxe a abundância à terra, o que fez a obra completa para Nippur e Burilu; o que deu vida à cidade de Uruk; supriu água com abundância aos seus habitantes, o que tornou bela a cidade de Brassippa; o que eceleirou grãos para a poderosa Urash; o que ajudou o povo em tempo de necessidade; o que estabeleceu a segurança na Babilônia; o governador do povo, o servo cujos feitos são agradáveis a Anu.



Hamurabi é apresentado como um soberano que recebeu a missão de implantar a justiça, acabando com os males e a opressão. O texto apresenta-o como escolhido dos deuses, que trouxe aos mesopotâmicos colheitas fartas, água em abundância, segurança, ordem, e que, em tempos difíceis, ajudou o povo necessitado.

## O CÓDIGO DE HAMURABI

O nome de Hamurabi (1792-1750 ou 1730-1685 A.C.) permanece indissociavelmente ligado ao código jurídico tido como o mais remoto já descoberto: o Código de Hamurabi. [...] Seu código estabelecia regras de vida e de propriedade, apresentando leis específicas, sobre situações concretas e pontuais [...] O texto de 281 preceitos foi reencontrado sob as ruínas da acrópole de Susa por uma delegação francesa na Pérsia e transportado para o Museu do Louvre, Paris. Consiste em um monumento talhado em dura pedra negra e cilíndrica de diorito. O tronco de pedra possui 2,25m de altura, 1,60m de circunferência na parte superior e 1,90m na base. Toda a superfície dessa “estela” cilíndrica de diorito está coberta por denso texto cuneiforme, de escrita acádica. Em um alto-relevo retrata-se a figura de “Khammu-rabi” recebendo a insígnia do reinado e da justiça de Shamash, deus dos oráculos. O código apresenta, dispostas em 46 colunas de 3.600 linhas, a jurisprudência de seu tempo, um agrupamento de disposições casuísticas, de ordem civil, penal e administrativa.



Caro aluno ou cara aluna, esta atividade tem por finalidade chamar a atenção para a estrutura social das cidades mesopotâmicas, embora esse seja um assunto difícil devido à carência de fontes a respeito. Uma de suas características básicas é que já em seus primeiros momentos apresentavam-se com grande desigualdade social. De um lado, temos elites sociais que se apropriavam da maior parte das riquezas produzidas, de outro, a maior parte da população, submetida a diversas formas de sujeição, vivendo em situação de pobreza. Gente que trabalhava nas lavouras e construía os monumentos arquitetônicos que compunham a cidade. Leia o texto abaixo e depois responda as questões.

Os habitantes das cidades podiam ser divididos em dois grupos principais: os que se beneficiavam das conexões com a corte e com o templo, o que lhes conferia o uso de meios próprios de produção, e os que eram completamente dependentes das organizações de palácio e do templo. A maior parte dos meios de produção estava sob o controle de vastos complexos de templos e de palácios reais, apesar de indivíduos privados também possuírem terras. O templo e o palácio derivavam suas rendas principalmente da agricultura, seja de forma direta ou através do pagamento de tarifas e taxas. A administração central recebia a maior parte da receita e fazia a redistribuição. As duas organizações possuíam um grande número de funcionários, “pagos” com alimentos, vestimentas e assim por diante. Os dependentes, em grau maior ou menor, das organizações do templo e do palácio podem provavelmente ser divididos em camponeses, artesãos, escravos e mercadores, cujas situações variavam de acordo com o período (McCall, p. 30).

1. Segundo o texto apresentado acima, na mesopotâmia, a maior parte dos meios de produção e das riquezas produzidas estava sob o controle de quais instituições?
2. Segundo o texto, qual era a relação que se estabelecia entre a desigualdade social e os templos e os palácios?

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. A maior parte dos meios de produção e das riquezas produzidas estava sob o controle dos templos e dos palácios.
2. Segundo Mc Call, a população das cidades podia ser dividida em dois grupos principais: os que se beneficiavam das estruturas dos templos e dos palácios, grupo formado pelas camadas mais ricas da sociedade; e os que se encontravam em situação de sujeição e dependência, formados por camponeses pobres e escravos.

### CONCLUSÃO

Foi na região da mesopotâmia que ocorreram as primeiras experiências que levaram à constituição da vida civilizada.

A presença de núcleos urbanos, da escrita, de uma complexa divisão do trabalho, de profundas desigualdades sociais e a organização do poder assentada em um complexo aparato estatal são algumas das características mais marcantes do modo de vida que teve na Suméria, talvez, o seu pólo original de desenvolvimento.



## RESUMO

Por volta de 4 mil a.C., surgiu na baixa mesopotâmia uma nova forma de organização social e política que deu origem ao que nós conhecemos hoje como civilização: a cidade-Estado.

A cidade-Estado mesopotâmica constituiu-se politicamente como monarquia teocrática. A estrutura estatal apoiava-se em uma rede de templos e palácios e tinha no soberano, pelo menos em tese, o seu chefe. A agricultura, praticada graças às obras de irrigação, era a sua principal atividade econômica.



## AUTO-AVALIAÇÃO

1. Qual era a principal atividade econômica nas cidades-Estado sumerianas?
2. Cite uma característica da organização política nas cidades mesopotâmicas.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. A agricultura irrigada que utilizava o regime de cheias dos rios Tigre e Eufrates para fertilizar a terra e obter a água necessária para o plantio.
2. Elas constituíam-se na forma de monarquia de caráter teocrático, na qual o soberano apresentava-se como o senhor de uma rede de templos e palácios.



## PRÓXIMA AULA

Na próxima aula abordaremos alguns aspectos da sociedade do Antigo Egito.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, C.F. **Sete olhares sobre a Antiguidade**. 2 ed. Brasília: Editora UNB, 1998.

MCCALL, H. **Mitos da Mesopotâmia**. Trad. Geraldo Costa Filho. São Paulo: Ed. Moraes, 1994.

CHILDE, G. **A Evolução Cultural do Homem**. 5 ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.